



***UMA ATIVIDADE CONTRASSEXUAL INTERDISCIPLINAR: AULAS
DE BIOLOGIA E EDUCAÇÃO FÍSICA COMO ESPAÇOS PARA REPENSAR
SEXO/GÊNERO***

***UMA ACTIVIDAD CONTRASEXUAL INTERDISCIPLINARIA: CLASES
DE BIOLOGÍA Y EDUCACIÓN FÍSICA COMO ESPACIOS PARA REPENSAR EL
SEXO/GÊNERO***

***A CONTRASEXUAL INTERDISCIPLINARY ACTIVITY: BIOLOGY AND
PHYSICAL EDUCATION CLASSES AS A SETTING TO RETHINK SEX/GENDER***

*Carolina Moraes Martins de Barros¹
Maíra Batistoni e Silva²*

RESUMO

Apresentamos neste trabalho a proposta de uma atividade contrassexual, baseada na concepção de um currículo cultural contrassexual como aquele que permite que corpos considerados abjetos sejam reconhecidos como sujeitos e colocados como protagonistas de sua realidade. Elaboramos uma atividade interdisciplinar articulando conhecimentos da biologia e da educação física, pautada por uma questão sociocientífica cujo tema é a inserção de corpos diversos no esporte de alto rendimento. Observamos as interações dos grupos durante a realização da atividade e pudemos perceber que ela gera discussões contrassexuais, pois os grupos reconheceram injustiças às quais alguns corpos estão submetidos e estimulou o desejo de romper com normativas de sexo/gênero ao se pensar as categorias das competições esportivas.

PALAVRAS-CHAVE: Currículo Contrassexual. Ensino de Ciências. Ensino de Educação Física. Inclusão no Esporte.

RESUMEN

En este trabajo presentamos la propuesta de una actividad contrassexual, basada en la concepción de un currículo cultural contrassexual cómo aquel que permite reconocer como sujetos a cuerpos considerados abyectos y colocarlos como protagonistas de su realidad. Desarrollamos una actividad interdisciplinaria articulando conocimientos de biología y

¹ Mestranda em Ensino de Ciências. Programa Interunidades de Ensino de Ciências, Universidade de São Paulo, São Paulo, Brasil

² Doutora em Ensino de Ciências e Matemática, Departamento de Fisiologia, Instituto de Biociências, Universidade de São Paulo, São Paulo, Brasil

educación física, guiada por una temática socio científica cuyo tema es la inserción de cuerpos diversos en el deporte de alto rendimiento. Observamos las interacciones de los grupos durante la actividad y pudimos ver que genera discusiones contrassexuales, ya que los grupos reconocieron las injusticias a las que están sometidos algunos cuerpos y estimularon el deseo de romper con las normas de sexo/género al pensar en las categorías de competiciones deportivas.

PALABRAS-CLAVE: Currículo contrassexual. Enseñanza de las ciencias. Enseñanza de educación física. Inclusión en el deporte.

ABSTRACT

In this work, we present a contrasexual activity, based on the conception of a contrasexual cultural curriculum as one that allows bodies considered abject to be recognized as subjects and placed as protagonists of their reality. We developed an interdisciplinary activity articulating knowledge from biology and physical education, guided by a socio-scientific issue whose theme is the insertion of diverse bodies in high-performance sport. We observed the interactions of the groups while the activity was in progress and we were able to see that it generates contrasexual discussions, as the groups recognized injustices to which some bodies are subjected and stimulated the desire to break with sex/gender norms when thinking about the categories of sports competitions.

KEYWORDS: Contrasexual curriculum. Science teaching. Physical education teaching. Inclusion in sport.



Introdução

A ideia de diversidade (como concebida nos estudos sociais) existe como um marcador de diferença – aquelas e aqueles que são o Outro. Esse conceito surgiu primeiro quando Simone de Beauvoir (1949/2016) propôs que as mulheres (e neste caso, um grupo bastante específico representava a totalidade das mulheres, as mulheres brancas) estariam sempre posicionadas em uma relação de subordinação aos homens (também brancos) e não seriam realmente vistas como pessoas. De lá pra cá, o conceito do Outro persiste, mas com adição de mais camadas para compreendermos a complexidade de ser Outro: Grada Kilomba (2020) reflete sobre o Outro do Outro, ao falar sobre as mulheres negras, que diferente das mulheres brancas ou dos homens negros, nunca são encaradas como sujeitos e estão sempre posicionadas numa relação de inferioridade; Paul Preciado (2014) fala sobre as pessoas trans e as pessoas que possuem diferenciação sexual diferente³ (DSD) como corpos que estão em sujeição a outros, os corpos cisgêneros, em especial

³ Podem haver divergências entre o sexo cromossômico e o sexo gonádico e/ou fenotípico. Esses casos eram chamados coletivamente de "anomalias da diferenciação sexual", mas atualmente o termo "diferenciação sexual diferente" é o mais utilizado (AMBROSIO-ALBURQUERQUE, 2023).

masculinos (pois vivemos numa sociedade falocêntrica), o que é reforçado no trabalho de Letícia Nascimento (2021) ao falar do apagamento dos corpos trans e da cisgeneridade compulsória.

Posicionar pessoas como Outro não indica simplesmente uma variabilidade, há sujeição destes em relação aqueles que os determinam. Pensar a sujeição de uma pessoa a outra está muito atrelado ao que Foucault (2008) chamou de biopoder, que resulta na soberania do corpo normativo sobre corpos dissidentes, buscando regular todas e todos que desviam do que é considerado o padrão, ações que são legitimadas por um discurso calcado em ideais reprodutivos, na medicalização da sociedade e focados no estabelecimento de uma relação entre o “normal” e o “biológico”, utilizando uma deturpação desses saberes como ferramenta de controle. Assim, aquelas e aqueles considerados como Outro não gozam plenamente de seus direitos como sujeitos e, em algumas situações, não gozam de forma alguma. São pessoas que não encontram espaço para pautar demandas suas ou de seus grupos sociais nas agendas políticas, pois são excluídos da discussão pelos que detêm a soberania, não têm direito de estabelecer suas próprias identidades, não podem ser agentes em suas realidades (hooks, 2009; KILOMBA, 2020). As pessoas colocadas como Outro são consideradas como “menos, desviantes ou inferiores” (BELL, 2023, p. 9, tradução nossa), não como sujeitos. O grupo social ao qual pertencem se sobrepõe a sua individualidade: não são percebidas como alguém, mas como representantes de um grupo social e que carregam consigo os marcadores identitários estereotipados atribuídos a esse grupo (BELL, 2023).

Posicionar algumas pessoas como Outro surge dos que formam as classes dominantes colocando aquelas e aqueles que divergem do normativo neste lugar para manutenção de seus privilégios e poder. Quem compõe esse estrato de poder é socializado para aceitar seus privilégios por possuir status de sujeito e, de forma consciente ou inconsciente, ignora que adquiriu isso por estruturas de desigualdades (BELL, 2023).

Essa disputa de poder para construção do sujeito também se reflete na escola, que teoricamente se propõe a acolher as diferenças, mas esse acolhimento por muitas vezes se restringe na possibilidade desses corpos outros acessarem o espaço físico escolar, sem, contudo, mudanças significativas na estrutura organizacional, nas normas, nas práticas docentes ou na linguagem a serem adotadas (LOURO, 1997). A escola é uma instituição que ao mesmo tempo em que recebe esses corpos tenta normatizá-los, ao replicar regras

de comportamento e estereótipos sociais, repreendendo certas performances de sexo/gênero e premiando outras (LOURO, 2000).

Somos pesquisadoras e educadoras de ciências e biologia e neste trabalho nos apropriamos da proposta do currículo cultural contrassexual, que emerge de trabalhos de pesquisadoras da educação física. O currículo cultural contrassexual incorpora ao fazer docente fatores políticos, históricos e socioculturais, desvinculando a Educação Física somente de marcadores psicobiológicos – assim, busca-se no cotidiano da prática pedagógica “semear o incômodo”, para permitir múltiplas experimentações e vivências do corpo, gênero e sexualidade na sala de aula (AUGUSTO; NEIRA, 2021).

Um currículo é disputa de poder, é terreno de luta, de contestação. É luta por validação, é tensão, é brigar por fazer ecos e manter silêncios. O currículo cultural [contrassexual], por sua vez, pretende interromper tais silêncios, fazendo as vozes chegarem mais longe, fazendo emergirem corpos outros, os quais a sociedade tenta apagar, tenta marginalizar. (AUGUSTO; NEIRA, 2021, p. 4)

Como propõem a autora e o autor, buscamos dar destaque a corpos outros, que fogem do normativo cisheteromascuino⁴ e trazer para o espaço da educação formal (um espaço visto como de prestígio para construção do conhecimento) corpos cuja existência seria normalmente negligenciada. É tornar sujeitos aqueles de grupos sociais que não gozam desse direito – direito dito universal, mas que sabemos ser restrito – e mostrar possibilidades de existência e identificação para crianças e adolescentes.

Interlocução entre a Educação Física e um ensino de ciências reflexivo

O esporte e a Educação Física são campos que, em sua constituição, abarcam diversas áreas do conhecimento: desde aspectos das ciências da natureza, como fisiologia ou física do movimento, até concepções das ciências humanas, como antropologia, história e filosofia, que devem ser levadas em conta ao se pensar intervenções pedagógicas (BETTI, 2005). Dentre essa multiplicidade de conhecimentos, as ciências biológicas costumam receber destaque e direcionar o ensino e a pesquisa na Educação Física, porém isso acaba levando a uma visão reducionista da área, com um enfoque

⁴ O termo designa práticas socioculturais e políticas que reprimem corpos dissidentes, ou seja, aqueles que não expressam a masculinidade, a heterossexualidade compulsória e/ou a binariedade dos corpos. Para mais detalhes sobre a caracterização e uso do termo, sugerimos a leitura de BARROS; SANTOS; OROFINO; SILVA, (2023).

patologizante e pouco informado sobre aspectos psicossociais e culturais que permeiam a prática esportiva e o movimento (CARVALHO, 2006).

Por isso, pensando no caráter interdisciplinar da Educação Física, que por sua própria natureza já permite diálogo com saberes de outras áreas, propomos uma atividade que possa subverter essa relação negativa com a disciplina de ciências ou biologia, através de um ensino de ciências reflexivo, pautado em uma proposta de análise de uma questão sociocientífica (QSC). Para Santos e colaboradores (2018), as QSC são formuladas a partir de temáticas relacionadas à ciência que compõem algum tipo de dilema social, originado por controvérsias éticas e morais ao redor do tema. Propostas didáticas baseadas em QSC geram discussões que mobilizam diferentes áreas do conhecimento das alunas e alunos, temas científicos com projeção midiática e que se valem de conhecimentos ainda não plenamente consensuados, suscitando argumentos pautados também em questões éticas, valores morais e interesses pessoais ou políticos, que são articulados para a tomada de decisão dos estudantes (CONRADO; NUNES-NETO, 2018). Por propiciar esta mescla entre o uso dos conteúdos conceituais de ciências e biologia com o debate de aspectos éticos e morais, vemos a QSC como uma boa possibilidade para estimular uma aprendizagem de ciências reflexiva e a par de discussões atuais dentro da concepção de um currículo contrassexual.

Sabemos que, apesar da Educação Física estar colocada como uma disciplina da área das Linguagens, o viés biológico permanece no “imaginário docente” (NASCIMENTO; AUGUSTO, 2022). Por isso, nesta proposta didática procuramos criar um contexto propício para que, a partir de conceitos biológicos, pudessemos promover a compreensão sobre a diversidade de corpos, assim rompendo com estigmas sobre sexo/gênero que associam essa diversidade somente a aspectos sociais. Essa perspectiva pode ser incorporada para dialogar com a adoção de práticas contrassexuais na Educação Física e no esporte, assim alterando a lógica patologizante da associação entre a Educação Física e as ciências biológicas por um novo olhar trazido a partir da própria associação.

O espectro de sexo/gênero como uma possibilidade para inclusão

Como Augusto e Neira (2021) bem colocam, as escolas não são somente um espaço de reprodução de desigualdades, mas de produção e manutenção dessas desigualdades,

porque privilegia os corpos normativos, violenta os corpos dissidentes e molda a todas as alunas e alunos para se encaixarem no socialmente aceitável.

Essas pressões surgem da disputa de poder em torno da própria definição de gênero (ou, como explicaremos melhor a seguir, para nós, sexo/gênero) e dos significados que são atribuídos aos corpos: o que é um corpo masculino, o que é um corpo feminino e a negação da existência de corpos outros entre esses dois extremos. Gênero é a primeira marca de inteligibilidade e uma pessoa só é compreendida como tal, em suas interações, quando sua performance de gênero pode ser reconhecida e colocada em alguma das caixinhas construídas no imaginário de seu interlocutor; além de ser um fator para o reconhecimento, gênero também serve como um marcador de diferença, seja ela biológica, linguística ou cultural (BUTLER, 2017b), por consequência excluindo corpos dissidentes em detrimento do corpo que representa o universal: cisheteromasculinobranco.

Entendemos que essa concepção de sexo/gênero é muito calcada na defesa da binariedade dos corpos e é nesse contexto que ecoamos o que é defendido por Butler (2017a), quando ela diz que não basta incluir pessoas nas normas existentes, mas entender como e porquê essas normas atribuem valores diferentes às diversas identidades e, a partir disso, pensar novas normas que poderiam criar condições mais equitativas para o reconhecimento de cada pessoa em sua individualidade e em sua própria concepção e performance de sexo/gênero.

Mas o que isso tem a ver com aulas de Ciências, Biologia ou Educação Física? São também nessas disciplinas que estudantes entendem seus próprios corpos, se reconhecem (ou não se encontram representadas e representados) e constroem o que entendem por sexo/gênero a partir do que é discutido no material didático, nas aulas e, em geral, reforçando a normatividade dos corpos. A temática de sexo/gênero é intrínseca à disciplina de Educação Física: as atividades separadas de meninos e menina, a adesão às aulas, as percepções sobre atletas e práticas pedagógicas que, em geral, reforçam a dicotomia de homem-mulher (AMORIM; FONSECA; BRITO, 2023). Por vezes, a Educação Física serve para homogeneização dos corpos, munindo-se das Ciências Biológicas como justificativa para reprodução da cisheteronormatividade (ACOSTA; CANON-BRUITAGO; SILVEIRA, 2022; GARCIA; PEREIRA, 2022) e de uma hegemonia da masculinidade (BRITO, 2021).

O argumento biológico é, talvez, o mais usado para sustentar falas transfóbicas e misóginas em debates sobre identidade. Aqui queremos fazer uma defesa de como os próprios conhecimentos biológicos podem nos servir para defender a multiplicidade de performances de sexo/gênero e que o que serve às normas e à binariedade não é a biologia, mas um uso deturpado que tem sido feito dos conhecimentos produzidos na esfera científica. Para isso, duas questões precisam ser discutidas: como se dá a construção de sexo/gênero e porque não existe uma binariedade dos corpos.

Em geral, sexo e gênero são vistos como duas categorias antagônicas: sexo visto como aquilo que surge naturalmente das expressões físicas do corpo biológico e gênero como a construção social que é feita sobre esse corpo. Colocar esses conceitos em duas pontas opostas de um debate faz com que cientistas da biologia deixem de questionar e pesquisar gênero, como se, sendo algo puramente social, não coubesse à produção de conhecimento desses atores (TAVARES; RAMOS; MOHR, 2021). Da mesma forma, isso se reflete também na escola: é papel dos professores de biologia e educação física tratarem somente do corpo físico (como se fosse possível) e, por isso, é conteúdo dessas disciplinas somente sexo (como se fosse possível). Acreditamos que esse dualismo não acontece na prática. A expressão biológica dos corpos já está impregnada de concepções de gênero, da mesma forma que as construções sociais que se fazem sobre gênero também surgem a partir das concepções sobre sexo (FAUSTO-STERLING, 2016). Para Fausto-Sterling (2016), o mais adequado é olhar para esses dois conceitos a partir de uma perspectiva biossocial, que propõe a sobreposição entre sexo e gênero, compreendendo assim o conceito de sexo/gênero: duas partes indivisíveis, que se comunicam e se alteram, que não são uma categoria fixa, mas uma forma processual de expressão dos indivíduos. Essa mudança de concepção nos serve para entender que a forma como performamos sexo/gênero não é uma escolha ou uma vontade ou fruto de algo puramente social, mas que tem raízes também nas nossas próprias expressões físicas que são alteradas e construídas também de forma social – o que faz com que todas estejamos, o tempo todo, performando e construindo nossa identidade de sexo/gênero, pessoas cis e pessoas trans, e não só aquelas e aqueles que são vistos como diferente. Os corpos normativos também tem efeitos da construção social em suas identidades, como os corpos dissidentes também têm efeitos das expressões físicas nas suas. Fisicamente, não existe a dicotomia e, desde já, o argumento biologizante deixa de ser válido.

Como comentamos, muitas vezes, o argumento biologizante é utilizado para invalidar a existência de alguns corpos e buscamos, através da própria biologia, mostrar que a diversidade existe naturalmente. Isso pode ser defendido usando conhecimentos mais atuais sobre a expressão de sexo/gênero do ponto de vista do corpo físico, que nos indica que a diversidade não está só no campo do social, mas que no campo do biológico também há uma multiplicidade de possibilidades de corpos, além somente dos feminino e masculino. Fausto-Sterling (2016) defende que para a formação da identidade de gênero adulta há influências cromossômicas, genéticas, hormonais, genitais e psicológicas que, de forma não hierárquica, interagem até a expressão de sexo/gênero de um indivíduo. A multiplicidade de fatores na determinação sexual já é bastante defendida em estudos genéticos e fisiológicos, que nos mostram que vai muito além de somente marcadores como XX ou XY.

Ainsworth (2015) demonstrou que uma visão binária de sexo/gênero é simplista, porque a determinação sexual existe num espectro e também defende que muitos fatores servirão para essa determinação, não sendo possível apontar somente um aspecto isolado que possa servir para categorizar alguém como macho ou fêmea: nem cromossômicos, nem genitais, nem hormonais. Atualmente, 1 em cada 100 pessoas possuem determinação sexual diferente (DSD), ou seja, seus corpos não atendem na totalidade a nenhuma das concepções de masculino ou feminino (AINSWORTH, 2015). Por que uma porcentagem tão grande da população pode ser apagada meramente para continuarmos servindo uma normatividade das expressões de corpos, se é evidente que o conceito de binariedade não nos serve para explicar as possibilidades de corpos que existem, fisicamente, na materialidade? Ainda que fosse mesmo “só” no lado social da questão, para nós já seria suficiente, mas sabemos que não para todos, porém, se a defesa dessa binariedade não pode ser feita nem pelo ponto de vista biológico, como podemos contribuir para desconstruí-la? A partir desses questionamentos, desenvolvemos uma atividade contrassexual interdisciplinar para as disciplinas de biologia e educação física. No entanto, a binariedade é amplamente reforçada por práticas sociais, principalmente aquelas que atribuem diferentes papéis a homens/mulheres ou meninos/meninas (e ignoram quaisquer outros corpos) – assim, valer-se da binariedade partindo como algo natural ou biológico serve para manter uma estrutura de poder patriarcal, pela socialização que parte sempre de uma perspectiva generificada e binária (KOSAKOWSKA-BEREZECKA *et al.*, 2022).

Contexto de aplicação da atividade

Realizamos nossa atividade em uma disciplina de graduação e pós-graduação de uma universidade estadual do sudeste brasileiro, em que atuamos como parte do corpo docente. Os estudantes de graduação são alunas e alunos dos anos finais do curso de licenciatura em Ciências Biológicas e os estudantes de pós-graduação são alunas e alunos de mestrado e doutorado de um programa voltado para o ensino de ciências. A turma era composta por 46 estudantes, sendo 25 da graduação e 21 da pós-graduação.

A disciplina tratava sobre Ensino por Investigação e sua relação com aspectos de Natureza da Ciência (NdC), visando que os estudantes se aprofundassem nas características desta abordagem didática que permitem articular visões informadas de NdC em sala de aula. Como um espaço de formação de professores, acreditamos que era importante fornecer às licenciandas e licenciandos abordagens didáticas para que pudessem tratar de temas do ensino de ciências a partir de uma perspectiva reflexiva e voltada para a transformação social. Uma via possível para isso é com o uso de uma QSC, materializada na atividade proposta.

Além disso, acreditamos que a formação de educadores de ciências deve também fornecer repertório para que estes professores ou futuros professores possam construir em suas instituições escolares um trabalho coletivo e interdisciplinar. Mozena e Ostermann (2014) apontam que o currículo escolar tradicional e segmentado por disciplinas é pensado de maneira a privilegiar o acúmulo de informações, mas sem contribuição para resolução de problemas e atuação de estudantes na vida pessoal e profissional. A interdisciplinaridade no ensino de ciências busca relacionar conceitos de outras disciplinas para aprofundamento em um tema ou objeto de estudo, usando as diferentes visões/conhecimentos das disciplinas para resolver problemas e aproximarem-se de um contexto mais próximo do mundo real, que não é segmentado (MOZENA; OSTERMANN, 2014).

Assim, pensar em repertórios que permitam a interdisciplinaridade na formação inicial de professores fornece subsídios para que as licenciandas e os licenciandos estejam, desde sua formação, orientados para a necessidade de uma atuação coletiva no ambiente escolar e não somente disciplinar. Partindo desse pressuposto, pensamos a atividade também como uma possibilidade de repertório interdisciplinar com a Educação Física. Entendemos que essa visão defendida por Mozena e Ostermann (2014) da

interdisciplinaridade relaciona-se de maneira bem próxima com o que é uma QSC, por privilegiar diferentes visões teórico-conceituais sobre um problema e estimular entre as alunas e alunos propostas efetivas de ação.

Produção de uma atividade contrassexual: diversidade de corpos nos esportes de alto rendimento

Ao nos envolvermos com o estudo de sexo/gênero, a origem do conceito e suas nuances, um dos nossos pontos de partida foi tentar entender e demonstrar como a complexidade e diversidade das expressões de sexo/gênero ocorre também nas determinações biológicas e não exclusivamente em relação aos aspectos sociais que permeiam esse constructo.

Nesse contexto, nos deparamos com a história de vida de duas atletas, mulheres cis, que rompiam com parâmetros genéticos e fisiológicos percebidos como marcadores do feminino: María José Martínez-Patiño e Caster Semanya.

A história de María-José é bastante emblemática porque marca um período em que atletas da categoria feminina precisavam passar por averiguação de sexo e possuir uma carteirinha atestando sua condição de mulher. Em seu próprio relato, Patiño (2005) conta que competia nas provas de 100m com barreira e, ao ser submetida a um exame de cariótipo, soube que possuía cariótipo XY. A descoberta e posterior veiculação na mídia de que era uma pessoa com diferenciação sexual diferente (DSD) causou consequências na sua vida pessoal e profissional, principalmente pela proibição de competir em eventos esportivos oficiais. Anos depois, buscando por conta própria acompanhamento e exames médicos, ela soube que mesmo com o cariótipo XY não possuía sensibilidade à testosterona, o que não proporcionava qualquer “vantagem” de desempenho em relação a outras mulheres. A Federação Internacional de Atletismo (FIA) reconsiderou sua participação em competições, mas o tempo em que ficou afastada impossibilitou que ela voltasse à elite da modalidade. Atualmente, María-José é militante pela inclusão de corpos diversos no esporte (MARTINEZ-PATIÑO, 2005).

Vivendo uma situação mais contemporânea, Caster se descobriu como uma mulher hiperandrogênica em 2009 (COI, [sd].), após exames exigidos pela FIA e pelo Comitê Olímpico Internacional (COI). Por seu corpo produzir testosterona além dos parâmetros considerados femininos, ainda que naturalmente, ela foi impedida de competir nas provas internacionais a não ser que realizasse um tratamento de regulação hormonal. Esse

tratamento acarretou em inúmeros efeitos colaterais, físicos e psicológicos. Ao recusar-se a permanecer no tratamento, a atleta foi proibida de participar das Olimpíadas de Tóquio em 2021, mesmo classificada (BBC NEWS, 2019; BRENNER, 2021).

A história dessas mulheres nos pareceu interessante para exemplificar o argumento de como inclusive os aspectos biológicos de sexo/gênero são múltiplos, nos munindo para uma defesa de que a diversidade de corpos não é “só” uma concepção social, mas fruto da própria natureza do que é sexo/gênero.

Ao mesmo tempo em que nos situávamos neste momento de estudo, as regras para inclusão de pessoas trans nas competições esportivas internacionais passou por reformulações. Até 2021, o COI possuía parâmetros que determinavam a inclusão ou não de uma atleta na categoria feminina, que foram criados para determinar a participação ou não de atletas trans femininas. O regulamento se baseava principalmente na concentração de testosterona no corpo, no tempo de autoidentificação e terapia hormonal a que a atleta havia se submetido (WOLFF, 2020). A partir de 2021, a participação de mulheres trans em algumas modalidades virou notícia⁵ e estimulou uma nova discussão sobre o tema: em muitas modalidades foi um marco histórico, com a primeira participação de mulheres trans nas Olimpíadas. No entanto, essa inclusão também veio junto com muito preconceito e questionamentos (CAMILLO, 2022). O COI viu a necessidade de rever seus regulamentos e propor que cada federação (ou seja, a entidade internacional de cada modalidade) decidisse como seria a inclusão de atletas trans em suas competições (FURTADO, 2022). O regulamento que vigorou até 2021 apaga tanto a existência de pessoas trans quanto da diversidade de corpos cis, apesar de ser um regulamento pensado para incluir ou não pessoas trans, problemática que nos estimulou a pensar sobre a atividade. Entendemos, como Santos, Garcia, Iwamoto e Pereira (2021) reforçam, que a inserção de corpos trans (e para nós, outros corpos dissidentes, como de DSD) num espaço tão regulamentado, buscando ultrapassar essas barreiras, é um ato de resistência ao ocupar lugares que não foram pensados considerando suas existências.

⁵ Para consultar algumas notícias veiculadas sobre a participação de atletas trans em competições oficiais, veja:

<https://www.gazetadopovo.com.br/mundo/atleta-trans-quebra-records-na-natacao-feminina-e-deixa-colegas-de-equipe-frustradas/>

https://www.espn.com.br/olimpiadas/artigo/_/id/8998442/olimpiadas-primeira-mulher-trans-compete-em-evento-feminino-erra-todas-as-tentativas-e-termina-final-em-ultimo

<https://www.uol.com.br/ecoa/colunas/marina-mathey/2021/07/28/conheca-as-pessoas-trans-presentes-nas-olimpiadas-de-toquio.htm>

<https://www.generonumero.media/reportagens/olimpiada-toquio-lgbt-trans/>

Da confluência disso surgiu nossa ideia de pautar para as alunas e alunos uma QSC em que se imaginassem como membros da Federação Internacional de Atletismo (modalidade da qual ambas mulheres que ilustram a atividade fizeram parte), responsáveis por avaliar os parâmetros para inclusão nas categorias feminina e masculina no próximo ciclo de competições, um problema real e que ainda está em debate e resolução. Para estruturar a atividade, propusemos a seguinte comanda:

Figura 1: Comanda da atividade.

Atividade em grupo

Imaginem que vocês são membros da World Athletics, a federação internacional de atletismo, responsáveis por decidir sobre a participação de atletas nos próximos eventos olímpicos. Em grupo, analisem as informações da coletânea e decidam se o regulamento da WA para a próxima temporada de provas será:

- 1) **Idêntico ao regulamento do COI de 2015.**
- 2) **Mais restritivo do que o regulamento do COI.**
- 3) **Mais inclusivo do que o regulamento do COI.**

Qualquer decisão deverá ser sustentada por um argumento e, no caso de optarem por alteração do regulamento do COI, indiquem também os termos da alteração.

Fonte: elaboração própria

Montamos uma pasta com materiais para embasar a discussão e propiciar que os objetivos de aprendizagem fossem alcançados. Cada pasta continha 13 fichas, com informações e dados de diferentes áreas do conhecimento sobre esporte, desempenho esportivo e diversidade de corpos, descritas no Quadro 1.

Quadro 1: Descrição das fichas que compõem a coletânea da atividade e os objetivos de aprendizagem associados.

Fichas (na ordem apresentada aos estudantes)	Conteúdo	Objetivos de aprendizagem específicos
Comanda	Comanda da atividade e regulamento do COI de 2015	Identificar os critérios para tomada de decisão da atividade.
Casos	Apresentação da história das atletas Caster Semenya (mulher hiperandrogênica) e María Patiño (mulher DSD com cariótipo XY e	Reconhecer a existência de corpos que não são contemplados pelo regulamento vigente e levar

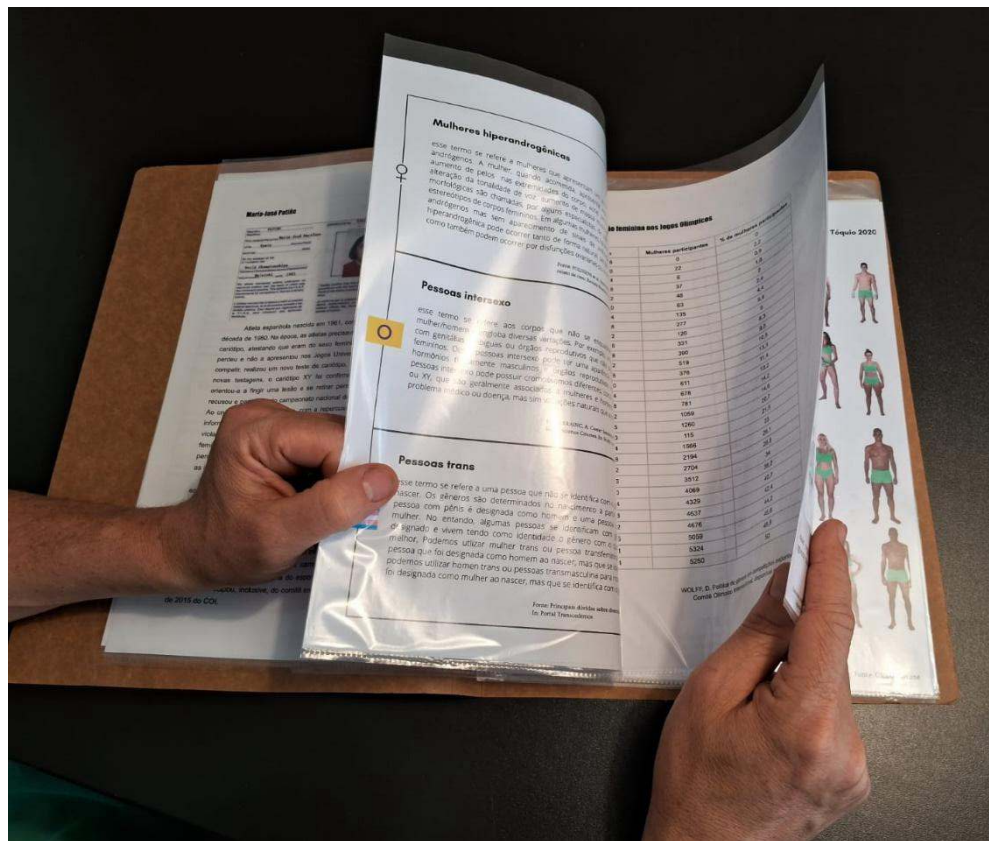
	sem sensibilidade à testosterona).	isso em conta na tomada de decisão.
Definições	Definições de pessoa de diferenciação sexual diferente, pessoa trans e mulher hiperandrogênica.	Reconhecer as diferentes expressões de sexo/gênero e reconheçam a existência de mulheres cis que apresentam características físicas que destoam dos estereótipos sexo-gendrados.
Regulamento Olímpico	Trechos do regulamento, com destaque para os princípios do olimpismo, inclusão no esporte e regras para análise de casos de doping.	Reconhecer a igualdade como princípio do esporte; Reconhecer aspectos sociais do esporte associados à inclusão e respeito à saúde.
Participação feminina nos Jogos Olímpicos	Tabela com número total de mulheres e porcentagem de mulheres que participou de cada Olimpíada (1900-2021).	Identificar que a participação feminina foi tardia e que há ainda maioria de atletas do sexo masculino.
Linha do tempo sobre critérios de inclusão na categoria feminina	Indica principais eventos sobre a inclusão e participação feminina em competições de atletismo	Identificar a participação tardia de mulheres no esporte e a existência de testes de verificação de gênero.
Comparação de recordes mundiais ao longo do tempo	Infográfico com evolução ao longo dos recordes (masculino e feminino) nas provas de salto em altura, salto em distância, corrida de 100m e 100m livres na natação.	Comparar mudança ao longo do tempo em relação aos recordes e evolução no esporte; Identificar diferenças entre desempenho masculino e feminino.
Varição dos corpos da Comissão Brasileira em Tóquio 2020	Imagens de atletas de diferentes modalidades que compunham a COB em Tóquio 2020.	Reconhecer a diversidade de corpos como algo natural do esporte.
Esquema de genitálias	Ilustração do espectro de genitálias possíveis	Reconhecer que há variações naturais nos corpos para além do esperado para corpos femininos e masculinos.
Recordes 800m e 1500m	Recordes históricos Olímpicos e de Mundiais nas provas de 800m e 1500m livres, com destaque para os tempos de Caster.	Perceber que a atleta se destaca na modalidade, sendo recordista mundial e olímpica e que existem mulheres que tiveram desempenhos melhores do que o da Caster; Comparar os recordes femininos e masculinos e os recordes de

		Caster com os recordes masculinos para avaliar se houve uma vantagem significativa.
Phelps - o deus do Olimpo e Bolt - homem bala	Infográfico que mostra diferenças anatômicas e fisiológicas nos corpos de Phelps e Bolt, que contribuem para desempenhos excepcionais nas modalidades que competem.	Identificar que há variações naturais no corpo de atletas que podem contribuir para o desempenho; Problematizar que os corpos de homens são celebrados em suas diferenças e os corpos de mulheres são reprimidos.
Níveis de testosterona em homens e mulheres	Gráfico retirado de um artigo sobre hiperandrogenismo e esporte, que mostra o intervalo padrão de testosterona em homens, mulheres e mulheres com síndrome do ovário policístico.	Reconhecer a diferença significativa na concentração de testosterona em homens e mulheres; Identificar que há variações naturais tanto nos níveis femininos quanto nos níveis masculinos.
Testosterona e desempenho	Trecho de artigo traduzido e gráfico que correlacionam a melhor performance em atividades aeróbicas com concentração de testosterona e que indica que não há correlação em atividades anaeróbicas.	Identificar a relação entre testosterona e desempenho esportivo; Reconhecer que essa relação não está bem embasada para todos os tipos de esportes.

Fonte: elaboração própria

Com a atividade, esperávamos que os estudantes fossem capazes de i) reconhecer a existência de uma diversidade de expressões biológicas de corpos femininos; ii) compreender influência política e social em tomadas de decisões que utilizam a biologia como justificativa; iii) reconhecer que a inserção de diferentes corpos nas práticas esportivas também é uma decisão político-social e não somente biológica; iv) selecionar e organizar dados e v) utilizar dados para justificar um posicionamento. Entendemos que a discussão geral proposta propicia que os estudantes alcancem os objetivos de aprendizagem, porém algumas das fichas, na nossa concepção durante o planejamento, também possuem uma relação mais próxima com os diferentes objetivos.

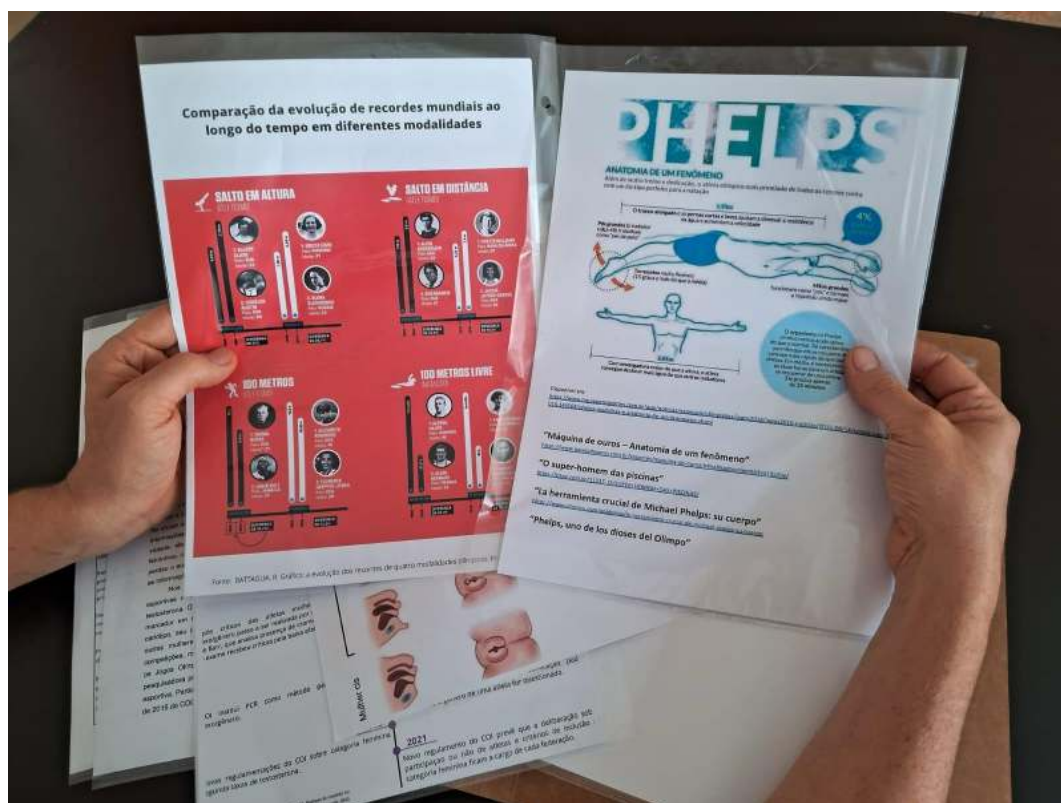
Figura 2: Exemplos de materiais da pasta, com destaque para a ficha Definições



Fonte: elaboração própria

Para o objetivo i, pensamos na ficha de Casos, Definições e do Esquema de Genitálias, que contribuem para os estudantes verem, na materialidade, a existência de uma diversidade de corpos femininos, reconhecendo que estes corpos podem destoar de concepções tradicionalmente atribuídas à biologia de como são esses corpos e, no nosso planejamento, serviriam para mostrar que essa diversidade é também percebida fisicamente nos indivíduos. A ficha de Casos, especialmente, tem um valor central para a atividade, porque entendemos que é quando os estudantes têm suas concepções de sexo/gênero confrontadas, mas partindo de uma perspectiva mais “biológica”, que é o que geralmente serve de argumento para invisibilização de alguns corpos – não está em debate a identidade de gênero dessas mulheres (mesmo partindo de uma visão tradicional e preconceituosa) e entendemos que isso contribuí para ampliar o entendimento sobre a diversidade de corpos e, futuramente, expandir para reconhecer também outras expressões.

Figura 3: Exemplos de materiais da pasta, com destaque para a ficha Phelps - o deus do Olimpo.



Fonte: elaboração própria

Os objetivos ii e iii estão bastante relacionados entre si e são um pouco mais amplos, dependendo da discussão como um todo. Destacamos entre as fichas o Regulamento Olímpico, Participação feminina nos Jogos Olímpicos, Linha do tempo e Phelps - o deus do Olimpo e Bolt - homem bala, porque acreditamos que estimulam aspecto da discussão que se relacionam de maneira explícita com esses objetivos, ao expor questões sociopolíticas que envolvem o problema. A ficha que traz os infográficos com Phelps e Bolt atende especialmente ao objetivo iii, pois nossa expectativa é que estimule os estudantes a problematizar porque a vantagem observada em alguns corpos (o corpo normativo, cisheteromascuino) é vista de maneira positiva e valorizada, enquanto em outros é vista como uma vantagem injusta, que deve ser patologizada, tratada e suprimida.

Por fim, entendemos que os objetivos iv e v se relacionam com o uso que os estudantes fazem das fichas, que pode ser estabelecido com qualquer um dos materiais, desde que ao elaborarem suas conclusões e argumentos também levem em conta os dados que são apresentados, não pautando seu posicionamento somente em concepções prévias.

Para a realização da atividade, as alunas e alunos se organizaram em pequenos grupos, com cerca de 5 estudantes, de diferentes identidades de sexo/gênero e diferentes períodos de formação, misturando estudantes da pós-graduação e da graduação. As discussões que foram suscitadas nos grupos pelo material, ao longo da resolução da atividade, nos fizeram perceber que o problema proposto pela QSC estimulou debates de cunho contrassexual, que destacamos a seguir a partir de interações registradas durante a atividade.

Prática de uma atividade contrassexual: diálogos transformadores

Um dos objetivos que buscávamos com a QSC é que servisse para questionar a binariedade de sexo/gênero, através da compreensão de que existe um espectro de corpos possíveis, mesmo partindo de visões pautadas pela fisiologia/biologia. No Quadro 2, trazemos um momento da resolução da atividade em que um dos grupos discute essa perspectiva.

Quadro 2: Interações que mostram como a atividade contribui para discutir binariedade.

Falante	Fala
Estela	E o pior é que o esporte ele é, por si só um mundo assim... uma profissão... muito seletiva né. Assim, biotipicamente né, quando você tem já várias peneiras assim né de condicionamento físico, de força...
Marcela	De resistência assim...
Estela	Então eu, é...
Marcela	Porque esses atletas de... esqueci o nome disso
Camila	Alto nível
Estela	Alta performance
Marcela	Eles têm um treinamento pesadíssimo! Tem que resistir fisicamente e psicologicamente, coitados (<i>risos</i>)
Estela	Exatamente, tem ainda essa questão do psicológico, imagina a confusão
Fernando	Mas ele traz dois da... um dado muito interessante, que não é só a quantidade de testosterona que roda, mas é se o corpo consegue aproveitar, se ele é sensível a essa testosterona... quer dizer...
Ademir	Exato
Estela	Exatamente

Fernando	No caso dela, ela tinha alto nível de testosterona mas o corpo dela não aproveitava!
Estela	Exatamente
Fernando	Ela não tinha os receptores pra isso
Estela	É então... é isso né, ela tinha o cariótipo XY e ainda assim não tinha esse desenvolvimento do genótipo masculino
Marcela	É muito complicado isso aqui também
Camila	Pois é
Ademir	Gente...
Estela	Até lá no final você tem um, não lembro agora qual que é o dado mas é algo do tipo... aqui ó: concentração de testosterona em mulheres por exemplo portadoras de ovário policístico. Você tem muitas pessoas...
Camila	É, eu tenho... eu tenho síndrome do ovário policístico e a gente sofre muito por causa disso, porque tipo, aumenta muito o nível de testosterona, muito! Isso desregulariza tudo... é muito complicado! Tem muitas mulheres que têm isso, é muito mais comum do que...
Estela	Exato
Camila	E aí como é que você vai fazer uma análise sem ver tipo todo o contexto

Fonte: elaboração própria

Percebemos que, recuperando as informações sobre a atleta Patiño, o grupo reflete sobre variações que podem acontecer biologicamente nos corpos. Fernando destaca que a testosterona, um hormônio que é notadamente associado a corpos masculinos (sendo inclusive chamados de andrógenos) não é o único fator para determinação sexual em uma pessoa, servindo do exemplo de Patiño para justificar como outros fatores também têm impacto nessa determinação.

O regulamento do COI de 2015 usa como principal fator de inclusão na categoria feminina o nível de testosterona circulante, como um marcador que reforça a binariedade masculino-feminino: quem tem mais testosterona pertence a uma categoria, quem tem menos testosterona pertence a outra, mas o grupo questiona essa divisão ao apontar que não é só a testosterona circulante que vai refletir qual é o sexo/gênero. Na sequência da discussão, Estela e Camila recuperam o dado sobre concentração de testosterona em mulheres portadoras de ovário policístico, argumentando que mesmo em situações mais frequentes na população, a variação de testosterona em mulheres não obedece a parâmetros fixos. Assim, defendem que o contexto de cada indivíduo tem que ser analisado. O posicionamento do grupo vai de acordo com pesquisas contemporâneas na

Educação Física e Esporte, que têm questionado regulamentos e competições que incorporam um sistema binário que pressupõe gênero como um “espelho” de sexo e que simplifica os aspectos constitutivos de sexo/gênero e sexualidade (SANTOS; GARCIA; IWAMOTO; PEREIRA, 2021).

Para nós, vemos essas interações como um momento em que a binariedade foi questionada, porque as alunas e alunos trazem informações para contrapor a ideia de categorias fixas de sexo/gênero, mostrando como existem variações possíveis entre os corpos que estão nos dois extremos da classificação. Uma de nossas intenções com a atividade era que estudantes percebessem que existem corpos que escapam das categorias pré-estabelecidas de sexo/gênero e que essa categoria não é binária, mas que no esporte é entendida assim (GARCIA; PEREIRA, 2022). Ao questionarem os parâmetros fixos, as alunas estão questionando a própria concepção de sexo biológico atrelado a algum padrão ou intervalo específico, no caso hormonal, que se converte em expressões binárias de macho ou fêmea. Percebemos que a atividade permite uma visão mais atual sobre sexo/gênero, entendendo sua complexidade e variabilidade também biológica, associada a inúmeros moduladores (AINSWORTH, 2015).

Também desejávamos que, ao longo da atividade, as alunas e alunos questionassem por que alguns corpos eram regulados e outros não, levando para uma compreensão sobre a existência de um corpo normativo detentor de poder, o corpo cisheteromascuino. Como explicamos na seção anterior, a inserção das fichas que continham os infográficos sobre Phelps e Bolt teve intuito de motivar essa percepção entre os estudantes, no Quadro 3 apresentamos um diálogo mediado por elas.

Quadro 3: Interações que indicam que a atividade estimula a questionar a normatividade de corpos no esporte.

Falante	Fala
Cláudio	E essas folhas aqui, do Phelps e do Bolt, não tá aleatório
Pedro	Eu acho que é pra mostrar... anatomia assim
Lilian	É que nem a questão do hiperandrogenismo...
Cláudio	Se você for olhar pra isso, o cara é tipo uma máquina né?
Lilian	Sim
Rafaela	É que o biotipo dele já é uma vantagem, mas isso não é considerado porque é uma pessoa...
Leonardo	Aham

Lilian	É igual o caso do hiperandrogenismo
Rafaela	Exato
Lilian	Não é culpa dela, ela não fez nada pra tá daquele jeito, é o estado natural... Mas confere uma vantagem? Confere... vai ser justo?
Cláudio	É só que, no caso, pode essa vantagem pro COI [<i>em relação a ficha sobre Phelps</i>], e essa não [<i>em relação a ficha sobre Semenya</i>]...
Lilian	Aí a gente vai entrar numa discussão meio além, mas sim
Cláudio	É, não é... não é meio ético, parece né?
Pedro	E será, será que é uma vantagem mesmo? Porque, por exemplo, ela era a quinta colocada no... ainda no... ela não bateu por exemplo os recordes mundiais, então, talvez...
Taís	A relação não é bem essa...
Lilian	Sim
Pedro	Por exemplo, pode conferir uma vantagem, mas assim... é... até quanto será que essa vantagem ela realmente pode ser considerada?

Fonte: elaboração própria

Cláudio direciona a discussão para a análise da ficha sobre Phelps e Bolt. Percebemos pela fala de Cláudio que seu posicionamento está motivado por um senso de justiça, quando ele diz que “não é meio ético”. Neste ponto da interação, os estudantes haviam identificado um problema, que é o fato de diferentes corpos serem sujeitados a regulações diferentes, sendo que o corpo cisheteromascuino (exemplificado nos corpos de Phelps e Bolt) é celebrado em sua especificidade e os corpos outros são regulados. A discussão avança quando Pedro questiona se, de fato, a condição de hiperandrogenismo configura numa vantagem esportiva.

Nessa sequência de interações vemos a normatividade ser contestada em duas camadas. Primeiro, a normatividade orientada pelo corpo cisheteromascuino, para o qual não há qualquer regulação, mas há o direito legítimo de sujeição dos demais corpos (BRITO, 2021; SANTOS; GARCIA; IWAMOTO; PEREIRA, 2022). Segundo a normatividade performativa dos corpos cisfemininos e os padrões aos quais devem atender, buscando o controle dos corpos que não se enquadram nesses parâmetros (GARCIA; PEREIRA, 2022). Acreditamos que foi positivo que os estudantes identificassem esses dois aspectos que permeiam a QSC, principalmente porque isso os fez refletir sobre aspectos sociais que não estavam explícitos no material, mas que foram mobilizados pelo grupo.

Em outro grupo, pudemos observar uma interação bastante interessante que também gira em torno da normatividade, transcrita no Quadro 4. A interação inicia quando Estela pergunta ao grupo o que pensam sobre a diferença no regulamento do COI de 2015 entre atletas transfemininas e transmasculinos.

Quadro 4: Interações que mostram potencial da atividade para gerar discussões sobre apagamento de corpos trans no esporte.

Falante	Fala
Estela	Mas aí a questão de você não testar é... homens trans... como é que vocês acham isso?
Fernando	Não porque...
Ademir	Então, eu...
Estela	Que isso encaixa por esse lado? Por que a gente tá pensando no nível de testosterona...
Fernando	Não, eu...
Estela	De uma pessoa que tá aplicando testosterona certo?
Fernando	Sim, mas qual a desvantagem, certo? Uma mulher trans que vai competir com outras mulheres. Então a estrutura biológica dela tem mais força do que a da mulher cis, então em algumas modalidades ela teria vantagem. Agora um homem trans, ele já tem menos testosterona, já tem menos força, menos velocidade, então ele competir com homens cis ele em tese estaria em desvantagem. ⁶
Valéria	Desvantagem, essa é a questão
Marcela	Isso é uma coisa que tem que ser pensada também...
Ademir	Mas, mas é... só uma coisa... só uma coisa...
Marcela	Tipo, se ele tá em desvantagem como assim?
Valéria	Tudo bem ele tá em desvantagem? Entendeu?
Ademir	No caso...
Fernando	Ah entendi, a igualdade pra ele...
Valéria	Exatamente
Fernando	Porque no caso da transição do feminino pro masculino, não pera, o contrário né? Ah calma, ô meu deus...
Estela	É, do feminino pro masculino não tem restrição
Ademir	Isso, nesse caso, a pessoa também vai tomar hormônio só que outro né? Que

⁶ A fala foi ajustada no uso de pronomes e outros termos utilizados para se referir aos atletas trans para omitir transfobia, com intuito de não reproduzir neste texto violências contra corpos trans; o conteúdo da fala não foi alterado.

	também vai ter consequências é... no desempenho, enfim, na massa muscular etc. E aí, enfim, não sei...
Fernando	Mas o aparelho...
Marcela	E aí não se faz a testagem por assumir que essa pessoa vai estar em desvantagem né

Fonte: elaboração própria

A resposta de Fernando, que destaca a diferença de testosterona entre uma mulher trans e mulheres cis como uma vantagem e a diferença de testosterona entre um homem trans e homens cis como uma desvantagem, carrega uma concepção recorrente ao se pensar a inserção de corpos dissidentes no esporte: corpos transfemininos são vistos como "melhores" que os corpos cisfemininos *para o esporte*, por isso detentores de vantagem injusta, e corpos transmasculinos são vistos como "piores", por isso estão em desvantagem e não precisam ser regulados. Essa concepção se baseia numa visão normativa que, apesar de ser o olhar trazido para os corpos trans, se origina da normatividade do corpo cismasculino: o "corpo biológico" melhor, reforçando uma lógica da hegemonia masculina no esporte, que é entendido historicamente como um espaço de legitimação da virilidade (BRITO, 2021).

Essa visão misógina também se transfere para a leitura que se faz dos corpos trans. Mesmo que os corpos transfemininos sofram violências outras, são interpretados em sua capacidade e complexidade a partir de uma visão biologizante cisnormativa misógina, o que por si só é uma transfobia, mas que também escancara a misoginia para se entender os diferentes corpos, quaisquer corpos trans (femininos ou masculinos) e os corpos cisfemininos. Entendemos então que a atividade possibilitou a identificação desses dois tipos de violência, a transfobia e a misoginia, aos quais os corpos dissidentes estão sujeitos.

A discussão no grupo avança quando Valéria questiona a desvantagem dos corpos transmasculinos e a falta de um regulamento que de alguma forma os resguardava. Nesse questionamento, ela evidencia o apagamento dos corpos trans e o reconhecimento de como os regulamentos que pautam situações para evitar vantagem só são pensadas quando (ou se) essa vantagem afeta pessoas cis (GARCIA; PEREIRA, 2022).

Na interação acima, destacamos o questionamento de Valéria: “Tudo bem ele tá em desvantagem?”, ao que Fernando responde: “Ah entendi, a igualdade pra ele...”. Esses trechos da interação mostram o momento em que o corpo trans masculino assume, para a

discussão, um caráter de sujeito. De início, na fala de Fernando, esse corpo estava apagado. A situação de desvantagem não parecia um problema, porque não incomodava aos corpos cis, então tudo bem – a inserção do atleta transmasculino não era uma questão, ele poderia participar sem qualquer necessidade de regulação. O posicionamento da colega revela uma situação de injustiça que está negligenciada e, ao olhar para a injustiça que atua sobre o corpo transmasculino, não mais pensando se a competição é justa ou não de uma perspectiva centrada nos corpos cis, atribuem para esse corpo outro caráter de sujeito. Como enfatizam Augusto e Neira (2021) é papel de um currículo contrassexual criar situações em que o corpo abjeto deixe de ser abjeto, torne-se sujeito, mesmo que momentaneamente e percebemos que as discussões motivadas pelo material chegam a este lugar, levando ao reconhecimento de que existe uma diversidade de corpos que não é contemplada nas regras da nossa sociedade (AUGUSTO; NEIRA, 2021), que são construídas pelo desejo de preservar o que é normativo.

Nos dois exemplos mostrados, indicamos como a atividade tem potencial para discutir aspectos da cisnormatividade. Porém, esse tema não aparece de forma explícita nos dados da pasta, o que vemos como um aspecto que pode ser melhor desenvolvido. Acreditamos que para possibilitar discussões mais aprofundadas, o ideal seria que atividades seguintes trouxessem mais elementos sobre participação de pessoas trans no esporte de alto rendimento, terapia hormonal e preconceitos enfrentados por esses atletas, mediando a pauta para um debate mais específico sobre a cisgeneridade compulsória.

Percebemos em algumas falas dos grupos, como exemplificado pelas interações no Quadro 5, o desejo de pensarem uma maneira mais inclusiva de categorizar atletas durante as competições, que não fosse pautada por sexo/gênero. No entanto, a maioria dos grupos encontrou dificuldade nesse movimento, porque a própria natureza do objeto da discussão – o esporte de alto rendimento – os levava a retornar para esse tipo de categorização, com justificativas baseadas principalmente no desempenho.

Quadro 5: Interações que mostram que o tema esporte de alto desempenho pode reforçar estereótipos de binariedade e normatividade masculina.

Falante	Fala
Taís	Só que o que a gente tá querendo ainda, dentro das condições, enquadra nos setores binários né... Conserva o mesmo de ou é um ou é a outra categoria né, não consegue pensar de forma plural, né...
Lilian	É, o que eu falei...

Rafaela	Dá...
Lilian	Daria pra fazer competições mistas... desculpa
Rafaela	Daria, é isso mesmo. Precisa ter categoria feminina e masculina?
Lilian	Não! Mas aí, pra você colocar uma competição mista...
Rafaela	Teria que ter algum critério
Lilian	É, se eu considerar só de homens, só de mulheres e uma que tem dois homens e uma mulher, e uma que tem duas mulheres e um homem, pode ser que os desempenhos sejam diferentes, pela questão de... os comportamentos do grupo... mas também depende do esporte
Jéssica	É que pelos gráficos que tem aqui realmente os tempos de homens cis e de mulheres cis são bem diferentes né

Fonte: elaboração própria

Apesar da dificuldade encontrada para reconfigurar as categorias, consideramos positivo que, ao se pensar nestas regras, e ao olhar para o regulamento que tinham em mãos, muitos grupos (cinco entre os sete que compunham a turma) tentaram propor a abolição das categorias de sexo/gênero e pensar maneiras mais justas de organizar as e os atletas. Entendemos como uma ação que é movida por uma outra concepção sobre sexo/gênero, que já rompeu, ao menos em alguns níveis, com a binariedade e acreditamos que mostra como a atividade possibilita posicionamentos contrassexuais.

Considerações Finais

No trabalho de Augusto e Neira (2021), ao pensar sobre o planejamento de ações didáticas, a autora e o autor questionam sobre as dificuldades de pensar atividades "que não façam pensar na abjeção como falta, mas como um espaço densamente ocupado por uma série de corpos que ficaram de fora na produção da inteligibilidade?" (AUGUSTO; NEIRA, 2021, p. 7).

Acreditamos que o planejamento de uma atividade contrassexual pode ser direcionado por questionamentos e incômodos como esse, que permitam pensar na multiplicidade de corpos não só pela ótica da inclusão, mas também da naturalidade, permitindo que estudantes percebam que essa naturalidade inicialmente nos é imposta (os corpos que ficaram de dentro) e que podemos contestá-la.

A atividade apresentada, desde o momento da pergunta, posiciona o corpo abjeto como central na discussão e, neste sentido, ele "é visto em ação, em suas múltiplas formas

de criação” (AUGUSTO; NEIRA, 2021, p. 5). Uma coisa a se destacar é que a problematização do apagamento desses corpos não é dada de forma explícita, e a compreensão da injustiça é construída nos grupos, o que ocorre pelo próprio teor da questão sociocientífica. Pensando pela perspectiva de um currículo contrassexual, isso é também interessante porque permite que o incômodo seja espontâneo e genuíno nesses estudantes: não pedimos para eles falarem sobre uma situação de injustiça, mas sobre uma situação. O reconhecimento da injustiça é parte também da atividade e, no processo de fazê-lo, as alunas e alunos reconhecem como sujeitos esses corpos, posicionados normativamente como abjetos, “criando uma zona de possibilidades e alternativas, mesmo que momentâneas” (AUGUSTO; NEIRA, 2021, p. 5)

Pensando na questão da corporeidade e do esporte, acreditamos que a atividade fornece um conjunto de dados interessantes para quebrar a falácia de quem pode se destacar esportivamente e da relação estereotipada de homens e mulheres no esporte, tangenciando também a temática da cisgeneridade compulsória. O uso dos materiais permitiu debates sobre como os regulamentos esportivos servem a essa lógica misógina e transfóbica, que pode ser extrapolado, com a mediação da professora ou professor, para reforçar como a ciência também serve uma lógica binária e que ela sozinha não nos serve para resolver nossos dilemas morais/éticos/sociocientíficos.

Em termos gerais, percebemos que a atividade permitiu o reconhecimento do apagamento de corpos abjetos, entendendo que lhes era negada condição de sujeito seja pela exclusão (por exemplo, ao negar a participação de atletas cujos corpos não estavam em conformidade com estereótipos de feminilidade), seja pela falsa inclusão (por exemplo, ao ignorar as desigualdades aos quais corpos transmasculinos poderiam estar sujeitos). O incômodo foi semeado.

O reconhecimento serviu também para questionar a lógica da binariedade, ao compreenderem a existência de uma multiplicidade de corpos (por exemplo, pelo caso das atletas Semenya e Patiño ou nos dados de mulheres com SOP) e perceberem como a categorização -- seja no esporte ou na vida -- de masculino e feminino não bastava. Assim, do lugar inicial que era o reconhecimento de que esses corpos não são vistos como sujeitos, ao longo da discussão os grupos evoluíram para uma compreensão e defesa da sujeição do corpo abjeto, entendendo que "ficaram de fora" mas que existem, e enquadrando essas pessoas buscando seus espaços.

Agradecimentos

Agradecemos ao CAPES pela bolsa de mestrado fornecida à primeira autora. Agradecemos às alunas e alunos e equipe docente da disciplina em que conduzimos a atividade relatada neste trabalho.

Referências

ACOSTA, Florencia; CANON-BRUITAGO, Edwin; SILVEIRA, Viviane. Producción académica en Uruguay, Brasil y Argentina sobre experiencias de población trans en educación física. *Educación Física y Deporte*, 2022, v. 41, n. 2, p. 153-177.

AINSWORTH, Claire. Sex redefined. *Nature*, Londres, 2015, v. 518, p. 288–291.

AMBROSIO-ALBUQUERQUE, Eliane. SRY – o gene da determinação sexual. *Genética Na Escola*, 2023, v. 18, n. 2, p. 140–146.

AMORIM, July; FONSECA, Michele; BRITO, Leandro. Articulando gênero e a perspectiva inclusiva na educação física escolar. *Perspectivas em Diálogo*, 2023, v. 10, n. 24, p. 374-389,

AUGUSTO, Cyndel; NEIRA, Marcos. (Um) Currículo cultural contrasssexual? Movimentos que possibilitam corpos em trânsito. *Revista Brasileira de Ciências do Esporte*, Campinas, 2021, 43: e002221.

BBC NEWS. *Por que o caso de Caster Semenya pode ser um marco para o esporte*. 2019. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/geral-48124672>. Acesso em 22 set. 2023.

BEAUVOIR, Simone. *O segundo sexo: Fatos e Mitos*. 3ª ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2016. 339 p. v. 1. (Original de 1949).

BELL, Lee Anne. Theoretical foundations for social justice education. In: ADAMS, Maurianne; BEEL, Lee Anne; GOODMAN, Diane; SHLASKO, Davey (eds.). *Teaching for diversity and social justice*. 4ª ed. Nova Iorque: Routledge, 2023. p. 3-27.

BETTI, Mauro. Educação física como prática científica e prática pedagógica: reflexões à luz da filosofia da ciência. *Revista Brasileira de Educação Física e Esporte*, São Paulo, 2005, v. 19, n. 3, p. 183-197.

BRENNER, Steve. Caster Semenya: ‘They’re killing sport. People want extraordinary performances’. *The Guardian*, 2021. Disponível em: <https://www.theguardian.com/sport/2021/apr/23/caster-semenya-theyre-killing-sport-people-want-extraordinary-performances>. Acesso em 22 set. 2023.

- BRITO, Leandro. Da masculinidade hegemônica à masculinidade queer/cuir/kuir: disputas no esporte. *Revista Estudos Feministas*, 2021, v. 29, n. 2, e79307.
- BUTLER, Judith. Alianças queer e política anti-guerra. *Revista Bagoas*, Natal, 2017, v. 11, n. 16, p. 29-49.
- BUTLER, Judith. *Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade*. 15ª ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2017. 287 p.
- CAMILLO, Livia. Mulheres trans ainda são tratadas como homens no esporte. *Nós*, 2022. Disponível em: <https://www.terra.com.br/nos/opiniao/papo-de-mina/mulheres-trans-ainda-sao-tratadas-como-homens-no-esporte,feba388159ace1b4dff607c9d2885579rpn8i93k.html>. Acesso em 22 set. 2023.
- CARVALHO, Yara. Saúde, sociedade e vida: Um olhar da Educação Física. *Revista Brasileira de Ciências do Esporte*, Campinas, 2006, v. 27, n; 3, p. 153-168.
- COMITÊ OLÍMPICO INTERNACIONAL. *Biografia – Caster Semenya*. [sd.]. Disponível em: <https://olympics.com/pt/atletas/caster-semenya>. Acesso em 22 set. 2023.
- CONRADO, Dália Melissa; NUNES-NETO, Nei. Questões sociocientíficas e dimensões conceituais, procedimentais e atitudinais dos conteúdos no ensino de ciências. In: CONRADO, Dália Melissa; NUNES-NETO, Nei (orgs.). *Questões sociocientíficas: fundamentos, propostas de ensino e perspectivas para ações sociopolíticas*. Salvador: EDUFBA, 2018, p. 77-118.
- FAUSTO-STERLING, Anne. Dualismos em duelo. *Cadernos Pagu*, n. 17-18, p. 9–79, 2016. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/cadpagu/article/view/8644553>. Acesso em 10 out. 2023.
- FOUCAULT, Michel. *O nascimento da biopolítica*. Trad. Eduardo Brandão. Martins Fontes: São Paulo, 2008. 474 p.
- FURTADO, Tatiana. Novas diretrizes do COI para atletas trans privilegiam inclusão, mas especialistas temem distorções. *O Globo*, 2022. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/esportes/novas-diretrizes-do-coi-para-atletas-trans-privilegiam-inclusao-mas-especialistas-temem-distorcoes-25496530>. Acesso em 22 set. 2023.
- GARCIA, Rafael; PEREIRA, Erik. Corpos trans no esporte: desdobramentos a partir do caso de Valkyria Montes. *E-legis*, 2022, Número Especial – Pesquisas e Políticas sobre Esporte, p. 11-34.
- hooks, bell. *Erguer a voz: pensar como feminista, pensar como negra*. São Paulo: Editora Elefante, 2019. 380 p.
- KILOMBA, Grada. *Memórias da plantação: Episódios de racismo cotidiano*. São Paulo: Cobogó, 2019. 249 p.

- LOURO, Guacira Lopes. *Gênero, sexualidade e educação: Uma perspectiva pós-estruturalista*. Petrópolis: Vozes, 1997. 179 p.
- LOURO, Guacira Lopes. *Pedagogias da sexualidade*. In: LOURO, Guacira Lopes (Org.). *O corpo educado: Pedagogias da sexualidade*. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2000, p. 7 - 34.
- MARTINEZ-PATIÑO, María José. Personal Account: A woman tried and tested. *The Lancet*, 2005, v. 366, p. S38.
- MOZENA, Erika.; OSTERMANN, Fernanda. Uma revisão bibliográfica sobre a interdisciplinaridade no ensino de Ciências da Natureza. *Revista Ensaio*, Belo Horizonte, 2014, v. 16, n. 2, p. 185-206.
- NASCIMENTO, Aline.; AUGUSTO, Cyndel. Apostando em encontros: Entrecruzamentos entre as pesquisas de Judith Butler e a Educação Física cultural. *Revista Brasileira de Educação Física Escolar*, São Paulo, 2022, v. 3, p. 24-36.
- NASCIMENTO, Letícia. *Transfeminismo*. São Paulo: Jandaíra, 2021. 191 p.
- PRECIADO, Paul. *Manifesto contrassexual: Práticas subversivas de identidade sexual*. Rio de Janeiro: Editora Zahar, 2014. 232 p .
- SANTOS, Mariana; GARCIA, Rafael; IWAMOTO, Thiago; PEREIRA, Erik. O discurso de professores de Educação Física sobre atletas trans no esporte. *Revista, Diversidade e Educação*, 2021, v. 9, n. 2, p. 545-573.
- SANTOS, Wildson; SILVA, Karolina; SILVA, Shirley. Perspectivas e desafios de estudos de QSC na educação científica brasileira. In: CONRADO, Dália Melissa; NUNES-NETO, Nei (orgs.). *Questões sociocientíficas: fundamentos, propostas de ensino e perspectivas para ações sociopolíticas*. Salvador: EDUFBA, 2018, p. 427-451.
- TAVARES, Bruno; RAMOS, Mariana; MOHR, Adriana. Anne Fausto-Sterling e o espectro de sexo/gênero: Contribuições para a educação em ciências e biologia. *Revista De Ensino De Biologia Da SBEnBio*, Florianópolis, 2021, v. 14, n. 1, p. 410-426.
- WOLFF, Débora. *Política de gênero em competições esportivas*. 47 p. 2020. Monografia - Faculdade de Ciências Jurídicas e Sociais do Centro Universitário de Brasília (UniCEUB). Brasília, 2020.

Recebido em outubro de 2023.

Aprovado em dezembro de 2023.